

Introdução

Da curiosidade impressionista à inquietação sociológica

Decorria o ano de 1997 quando o Festival Atlântico, mostra internacional de arte, *performance* e tecnologia organizada pela produtora lisboeta Zé dos Bois, foi dedicado ao tema «O corpo na sociedade pós-moderna: manipulações e limites». Esse evento permitiu-me contactar de perto com projectos de relevo internacional habitualmente inscritos na *body art* pela *expertise* do mundo da arte contemporânea, como os de Orlan (França), Stelarc (Austrália), Annie Sprinkle, Fakir Musafar ou Cléo Dubois (EUA), entre outros.

Por entre vídeos de cirurgias plásticas esteticizadas com batas *Gautier*, *performances* que apostavam na demonstração de corpos robotizados, na estetização e politização da pornografia ou na reprodução de rituais onde práticas de perfuração da pele e de modificação corporal são tradicionais, tudo isto ocorreu, ao jeito dos *freak-shows* de outrora, defronte de uma plateia que oscilava entre reacções de impressão ou mal-estar¹ e reacções de entusiasmo, excitação e surpresa. Para além da minha própria perturbação e perplexidade, uma das curiosidades que mais me suscitaram a atenção foi verificar que, por entre um público maioritariamente jovem, muitos indivíduos se apresentavam extensivamente tatuados e perfurados, com uma joalheria muito específica e padronizada (barras e argolas de

¹ Diversas pessoas saíram da sala com sintomas de desmaio ou vómitos.

metal com pequenas bolas nas extremidades), colocada em lugares corporais bastante inusitados para a época e em Portugal.

A partir daqui, a visibilidade mediática concedida ao *body piercing* e, por decorrência, à tatuagem foi crescente, não só com direito a programas televisivos de debate e informação exclusivamente dedicados ao tema, como até à apresentação na Culturgest do documentário *Of Skin & Metal*, realizado por Olga Shubert sobre a «comunidade de *body piercing*» em Nova Iorque, com honras de debate intelectual.² Em face da visibilidade pública que práticas como o *body piercing* e a tatuagem vieram a adquirir na época, comecei então a questionar-me sobre as motivações que estariam na base da mobilização de tais apetrechos por parte de alguns segmentos sociais aparentemente dotados de alguma especificidade.

A concepção deste trabalho de investigação começou a desenharmo-nos então a partir da curiosidade pessoal suscitada por uma observação impressionista: a crescente exposição e valorização do corpo na sociedade contemporânea, nomeadamente entre os seus segmentos juvenis urbanos, onde com frequência o sujeitam a experiências que desafiam alguns dos seus limites imagéticos, cinéticos e sensitivos. Com efeito, algumas das manifestações juvenis hoje em dia socialmente percebidas e categorizadas como «radicais» têm na base deste qualitativo a *excessividade* atribuída aos usos e investimentos corporais que as consubstanciam, ostensivos em termos de *imagem*, *movimento* e *sensações*. Os corpos extensivamente tatuados e perfurados, bem como os que desafiam os seus limites cinéticos e sensoriais em actividades desportivas mais «extremas» ou em noites e dias de dança que se sucedem, são exemplos desse tipo de manifestações «radicais» juvenis.

A realidade da modificação corporal mais «radical» começou então a interpelar-me já não apenas como mera curiosidade perante manifestações artísticas mais iconoclastas, mas também enquanto potencial objecto de estudo: ao dar-se a ver no seu crescimento, foi-me estimulando para o desvendamento de alguns *enigmas* susceptíveis de serem sociologicamente equacionados (Pais 2002, 60-68). A mera *curiosidade impressionista* foi tomando a forma de *inquietação sociológica*: se o traço de «radicalidade» atribuído a

² Esse colóquio, realizado no dia 14 de Junho de 1997, versou a problemática dos *modernos primitivos* e teve como convidados Maria Carrilho, José Gil, André Lepecki, Alexandre Melo e José António Fernandes Dias, tendo sido moderado por António Pinto Ribeiro.

determinados comportamentos juvenis passa pela excessividade reconhecida aos usos e investimentos feitos no corpo, é porque este é objecto de mecanismos de poder e de regulação social, no sentido da sua *docilização*, como diria Foucault (1979), em função de determinados padrões sociais de utilização, intervenção e exploração. Alguns jovens, todavia, tentam escapar ou contestar esses mesmos padrões, ao introduzirem sub-repticiamente alguma desordem na ordem corporal dominante.

A *espectacularidade* associada a algumas dessas mobilizações corporais juvenis acabou, portanto, por suscitar a *atractividade* do corpo enquanto objecto científico, remetendo constatações impressionistas para mundos de reflexão sociológica, ricos em novidade teórica e potencialidade hermenêutica. No fundo, uma adesão subjectiva induzida por essa *sensação de estranhamento* que marca a nossa distância perante certo fenómeno e que induz a necessidade de transformar o *exótico* em *próximo*: «o que *vemos* e *encontramos* pode ser familiar mas não é necessariamente *conhecido* e o que não *vemos* e *encontramos* pode ser exótico mas, até certo ponto, *conhecido*. No entanto, estamos sempre pressupondo familiaridades e exotismos como fontes de conhecimento ou desconhecimento, respectivamente» (Velho 1987 [1981], 126).

Objectivos e questões de partida

Perante o cenário traçado, o trabalho de investigação efectuado vem abordar a relação dos jovens com o seu corpo, no âmbito da problemática dos processos de construção identitária específicos à sociedade contemporânea. Tal acontece a partir de um caso particular focalizado em sujeitos que em dado momento das suas vidas, geralmente localizado na «adolescência» ou «idade jovem», começam a marcar extensivamente o seu corpo com tatuagens e *body piercing*. O trabalho centraliza-se, mais particularmente, na articulação entre esta forma de mobilização «radical» do corpo³ e as estruturas sócio-simbólicas que manifesta enquanto prática

³ Isto é, que supõe uma forma voluntária de usar, de explorar e de intervir no corpo que tende a ser socialmente reconhecida como «excessiva» ou «transgressiva», considerando os limites físicos, as convenções culturais e as normatividades sociais que tendem a regular actualmente as suas possibilidades de mobilização.

de referência nos processos de construção de identidades sociais e pessoais em determinados contextos juvenis.

Este livro propõe-se, assim, descobrir, compreender e interpretar sociologicamente os significados subjectivos que os praticantes investem nesse tipo de objectos, alcançar as lógicas simbólicas que estão subjacentes à utilização desses recursos corporais e examinar a relação entre a posse desses objectos e o respectivo papel na produção e manutenção de um sentido de identidade. Propõe-se ainda analisar os efeitos sociais que daí decorrem numa sociedade que exige um elevado grau de plasticidade identitária e de maleabilidade corporal e que ainda vive com alguma relutância e preconceito a modificação corporal mais perene, nomeadamente a que revisita e evoca figuras corporais historicamente estigmatizadas na vida social, como é o caso do corpo extensivamente marcado.

Na tentativa de ir mais além do que, durante longos anos, e não raras vezes ainda hoje, foi tratado como patologia ou «disfunção» psicossocial, a proposta deste livro é, em suma, caracterizar a densidade simbólica inerente à reflexividade produzida em torno da acção de marcar o corpo, sem esquecer as condições sociais de produção do corpo marcado, bem como os efeitos sociais da respectiva assunção. Que configurações de sentido são associadas aos corpos extensivamente marcados por tatuagens e *body piercing*? Que constelações de valores e representações sociais informam as suas mobilizações mais «radicalizadas»? Que justificações e motivações lhes estão subjacentes? Quais os respectivos ancoramentos sociais? Que efeitos decorrem da sua utilização no espaço social?

Esta ordem de questionamento remete para a caracterização dos *contextos subjectivos* dos indivíduos. Estes contextos correspondem aos universos simbólicos relevantes nas práticas quotidianas, consubstanciados em mapas de significação e idealização normativa que orientam e justificam as condutas pessoais e interpessoais, bem como as opções e decisões que informam os projectos de vida. A consideração desses universos simbólicos permite dar conta dos sentidos inerentes aos aparentes «sem sentido» atribuídos aos comportamentos «radicais», muitas vezes remetidos para um quadro de patologia psicológica ou social.

Ultrapassar este tipo de preconceitos pressupõe ir além da *gramática de recepção* historicamente firmada sobre esses corpos e conhecer a respectiva *gramática de produção* (Veron s. d.). Tal tarefa implica um trabalho etnográfico de levantamento, compreensão e

interpretação sociológica das constelações simbólicas associadas às marcas que alguns jovens fazem no corpo enquanto recursos de expressão identitária de pertença e diferenciação social. Na medida em que nos movemos no terreno analítico do comportamento habitualmente tido como excessivo e transgressivo, localizado em zonas sociais intersticiais, só a aproximação à subjectividade de quem o agencia potencia a descoberta sociológica sobre as margens do *nomos* dominante, bem como sobre as formas de produção de *nomos* marginais e da sua difusão na vida social.

Reconhecer aos indivíduos a capacidade de produção dos seus próprios *nomos* e de os colocar no jogo da vida social traduz uma perspectiva sociológica onde a acção social e a subjectividade que a informa não são encaradas como reflexo necessariamente determinado pelas estruturas objectivas. Os significados que os jovens atribuem às possibilidades concedidas pelas estruturas, assim como os sistemas normativos que informam os modos como lidam com as mesmas, podem condicionar o curso das suas acções (Castro 2005). Daí que determinados comportamentos sejam não um *efeito (causal) de estrutura*, mas uma *reação (contextual) à estrutura*.

É nesta perspectiva que se privilegiará a análise dos contextos subjectivos dos jovens portadores de corpos extensivamente marcados, tomando-os como matéria informante do espaço de possíveis reactivos às estruturas (e concedido pelas mesmas), por forma a ver como a sociedade se traduz, se gere e se negocia nas opções referentes às condutas corporais dos jovens portugueses. Será, portanto, a partir da relação que se estabelece entre contextos subjectivos e objectivos que se propõe a identificação, compreensão e explicação sociológica de uma manifestação juvenil onde o corpo, na sua forma de apropriação, exploração e investimento, assume protagonismo expressivo.

Corpos entrevistados e *corpus* analisado

Em termos metodológicos, este trabalho seguiu, em larga medida, os protocolos qualitativos e intensivos de uma *pesquisa de terreno* (Becker 1994; Costa 1987). O trabalho de campo decorreu com a preocupação básica de procurar captar como os portadores de corpos marcados os vivem (socialmente) e os significam

(culturalmente): numa palavra, como *experienciam* esses mesmos corpos nos planos da sociabilidade e da subjectividade. O problema delimitado requereu uma postura epistemológica de abertura e disponibilidade perante o terreno empírico — os discursos e vivências juvenis do corpo marcado —, no sentido de o auscultar antes de se optar por determinadas perspectivas e hipóteses teóricas restritas (e restritivas).

O trabalho de campo decorreu entre 1999 e 2003, partindo o investigador do lugar de *outsider* perante os universos sociais onde ocorre este tipo de modificações corporais.⁴ O conhecimento adquirido no decorrer de processos de pesquisa encabeçados por investigadores nestas condições será, com certeza, de natureza diferente do conhecimento produzido por investigadores em condições diferenciadas.⁵ Não é, contudo, adquirido que a pertença e familiaridade do investigador com o universo estudado seja sinónimo de acesso privilegiado à informação e ao entendimento da mesma, como alguns invocam.

Nestes casos, a postura do investigador requer maior reflexividade, cautela e atenção sobre os enunciados que produz a respeito do fenómeno em causa,⁶ obrigando-o a descentrar-se de si próprio e a distanciar-se da centralidade da sua experiência vivida.⁷ Obrigando-o também a estar consciente dos efeitos que o seu próprio visual poderá produzir nos processos de interacção e de identificação

⁴ Ao contrário do que acontece com algumas das investigações que ultimamente têm sido publicadas sobre o tema, onde os investigadores são, geralmente, eles próprios sujeitos largamente marcados, como os casos de Albuquerque de Braz (2006), Atkinson (2003), DeMello (2000), Leitão (2004), McCormack (2006), Mendoza (2004), Sanders (1989), Siorat (2006) e Steward (1990). O que, aliás, vem na tradição dos «estudos subculturais», onde, frequentemente, os investigadores em acção detêm alguma proximidade *inicial* com o universo observado, partilhando alguns dos elementos que identificam os estilos desses «grupos sociais».

⁵ Alguns autores discutiram estas condições como um tipo de pesquisa diferenciado, designando-o como *insider doctrine* (Merton 1972), *insider research* (Roseneil 1993; Hodkinson 2005), *native ethnography* (Wolcott 1999) ou *experimental knowledge* (Maxwell 1996, 30-31).

⁶ Decorrente não de uma observação participante empreendida *depois* de o trabalho de campo começar, mas de uma efectiva implicação anterior no fenómeno social em análise.

⁷ Embora podendo trazê-la como *recurso* na própria pesquisa empírica (Hodkinson 2005, 142-146), enquanto exercício de auto-reflexividade analiticamente informada, postura mais consciente do que as que propõem a *exotização do familiar* (Costa 1987, 146-148; Velho 1988, 41) como forma de o investigador socialmente implicado e comprometido com o objecto de estudo ganhar dele uma suficiente distância crítica.

que decorrem no trabalho de campo, colocando-o num estatuto ambíguo entre o «nós» e os «outros»,⁸ que o torna mais vulnerável a classificações judicativas e especulativas, a suspeitas e desconfianças, decorrentes do seu prévio (e visível) compromisso com o fenómeno estudado — no caso deste trabalho, com as marcas que portaria no seu corpo, respectivos significados, qualidade, correntes estéticas, envolvimento grupais, etc.

Por outro lado, o facto de não haver qualquer tipo de proximidade social e simbólica, *corporalmente constatada*, entre o investigador e o objecto de observação também não traz inevitavelmente prejuízos em termos hermenêuticos. Pelo contrário, poderá promover um *efeito de pedagogia* ou até mesmo de *catecismo* do informante sobre o investigador, não dando o primeiro por adquirido o conhecimento deste último sobre a experiência do fenómeno em observação. De facto, o efeito de *alterização* sentido pelo investigador por parte dos informantes várias vezes se consumou na pergunta directa sobre se este tinha alguma tatuagem ou algum *piercing* mais escondido, habitualmente sucedida de uma proposta de marcação, por vezes com o aliciamento da gratuidade. Também foi sentida muitas vezes entre os informantes a preocupação de dar a entender aspectos da sua experiência que estão perfeitamente «naturalizados», bem como de desculpar e esclarecer o investigador sobre algumas questões que só seriam plausíveis e legítimas por parte de um leigo.

A compreensão aprofundada das estruturas de sentido subjacentes a *actos de vontade* sobre o corpo pressupõe a utilização de métodos e técnicas sensíveis ao espaço de subjectividade do agente social. O corpo, no seu estatuto simbólico de *significante flutuante* (Babo 2001; Gil 1980), dificilmente fala por si. Daí os limites relativos a técnicas fundamentadas apenas na recolha de imagens corporais (fotografadas ou videogravadas), própria de análises semiológicas, ou somente na observação situacional de corpos em relação, própria de correntes interaccionistas. Contudo, enquanto reservatório de memória, suporte de experiência e acessório de

⁸ Ainda que no contexto de diversidade, multiplicação e fluidez característico das culturas juvenis de hoje seja cada vez mais difícil aferir a real existência de «grupos» suficientemente substantivos que permitam empregar claramente a designação de «membro» ou «não membro» (Bennett 1999; Bennett e Kahn-Harris 2004; Muggleton 2002 [2000]), como acontecia entre as subculturas do passado, com fronteiras mais precisas, distintivas e culturalmente consistentes (Cohen 1979; Hall e Jefferson 1976).

presença no mundo, o corpo faz falar. O sentido atribuído ou reivindicado a uma determinada acção com o corpo ou sobre o corpo alude a componentes tanto de expressão como de valoração que são susceptíveis de perpassarem nos *relatos* dos agentes que a vivenciam, via privilegiada para captar os marcos das estruturas de sentido das acções (Selgas 1994, 51).

Há, portanto, que pôr os corpos a falar sobre si mesmos. Para tal, começou por se assumir neste trabalho a postura de «investigador viajante» (Pais 2002, 55-59), *deambulando* pelos espaços onde mais facilmente se poderiam encontrar corpos extensivamente marcados: *espaços reais*, como os estúdios onde são produzidos; *espaços virtuais*, como os sítios na Internet onde muitos desses corpos são expostos. E assim se mergulhou naquela fase a que muitos dos manuais de investigação em ciências sociais *à la carte* designam de «fase exploratória da pesquisa empírica» (Quivy e Campenhoudt 1992 [1988], 45-88).

Durante essas deambulações aproveitou-se a frequência dos estúdios para fazer alguma observação *in loco* de todo o processo de execução das marcas, recorrendo-se quer a *métodos discretos*, ou técnicas de «escutar à porta», como lhes chamam Glaser e Strauss (1967), quer a métodos mais interventivos, através dos quais o investigador já acciona mecanismos de solicitação de informação, como a manutenção de algumas conversas mais informais e curtas com vários clientes, no sentido de avaliar as suas expectativas e motivações antes, no decorrer e após a experiência da marcação. Simultaneamente, foi-se lendo muita da inumerável literatura de testemunhos, conselhos e dúvidas que pauta o espaço virtual sobre a *body modification scene*.

O conhecimento decorrente deste tipo de estratégia de observação directa e, por vezes, participativa não inclui apenas as informações dadas pelos actores, solicitadas ou não pelo sociólogo, mas também o conjunto das práticas observáveis nos cenários vividos: o acanhamento em entrar nos estúdios sentido por muitos jovens ainda não iniciados, pelo constrangimento em se aproximarem de um mundo social que tinham como afastado do seu mundo de vida; o tipo de informação pedida ao representante do estúdio, considerando a intervenção pretendida; o tipo de informação «obrigatoriamente» concedida pelo representante mesmo quando não questionada; as inúmeras situações de negociação estética entre o trabalho pretendido e o trabalho possível e/ou aconselhável; as

conversas tidas antes e depois da intervenção efectivada, a própria aplicação dos recursos, etc.

Para além desta informação mais «discretamente» obtida, a informação tratada e apresentada neste livro conta, sobretudo, com relatos obtidos em situação de *entrevista semiestruturada* na sua preparação e *semidirectiva* na sua aplicação (Colognese e Melo 1998, 144; Ghiglione e Matalon 1978, 57-58; Ruquoy 1997 [1995], 87). O corpo destes jovens é quotidianamente discutido, interpelado, questionado, exigindo constantemente a sua justificação e agilizando a sua subjectivação. Daí a entrevista se ter revelado uma técnica privilegiada no acesso às racionalizações construídas para descrever e justificar a formulação dos projectos de marcação corporal, ou seja, para atribuir sentido ao corpo produzido.

Foram efectuadas quinze entrevistas individuais *em profundidade* a portadores de corpos multituados e multiperfurados, profissionais ou apenas consumidores de tatuagem e/ou *body piercing*. Oito dessas entrevistas foram efectuadas em duas sessões distintas, dada a duração média de cada uma, que oscilou entre o mínimo de cerca de três horas e meia e o máximo de seis horas. Preferiram-se, portanto, menos *unidades observáveis*, mas susceptíveis de encapsularem uma maior densidade de informação, a observações mais numerosas, mas susceptíveis de produzirem materiais mais pobres em termos da densidade simbólica e biográfica captada. Em vez de se amplificar a homogeneidade do conjunto de entrevistados e de apostar na «multiplicação excessiva do idêntico», preferiu-se a «escolha intencional de diversidades típicas» «estrategicamente recolhidas e tratadas em profundidade»: «uma colecção de materiais, ainda que restrita, pode proporcionar a sua ‘saturação’ antes até de estar materialmente esgotada; o seu ‘resto’ será então um ‘luxo para verificação’» (Hiernaux 1997 [1995], 172, 174), com o qual muitas vezes os tempos e os orçamentos disponíveis para projectos de investigação não se compadecem.

Os entrevistados foram recrutados em estúdios de tatuagem e *body piercing* de Lisboa e arredores, bem como através da capitalização de algumas redes de relações estabelecidas no meio, mas sem nunca utilizar o tradicional método de «bola de neve», por forma a evitar efeitos de homogeneização da amostra decorrentes da sua dependência de redes de sociabilidade previamente estabelecidas. O processo de selecção dos entrevistados não foi aleatório, ou tão-somente decorrente das conveniências, constrangimentos

e facilidades pragmáticas do investigador no acesso ao universo observável, como muitas vezes acontece no uso de técnicas qualitativas (Payne e Williams 2005, 308). Enquanto *amostra estratégica* e *intencional*, conceptualmente conduzida e tipologicamente relevante,⁹ a selecção dos indivíduos entrevistados foi submetida a intenções explícitas.

Entre estas foi considerada, em primeiro lugar, a sua *exemplaridade* em termos do objecto de estudo (Ruquoy 1997 [1995], 103), enquanto portadores visíveis de projectos extensivos de tatuagem e *body piercing*, tomando a *extensão* e a *visibilidade* das suas marcas corporais como critérios indicativos do grau de «radicalidade» do projecto corporal. Fez-se também por diversificar a amostra de casos entrevistados em termos de *variáveis sócio-demográficas clássicas*, geralmente utilizadas em estudos extensivos, como o género, grau de instrução, origem social, condição perante o trabalho, mas também uma outra *variável estratégica* (Ruquoy 1997 [1995], 104) relativa à pertença desses indivíduos a diferentes *grupos de estilo*.¹⁰

Trata-se, evidentemente, de uma amostra cuja *representatividade* é válida do ponto de vista da *pertinência* e *conveniência* sociológica dos casos seleccionados (considerando alguns princípios sócio-estruturais tipicamente indutores de variação comportamental e representacional), e não da significância estatística dos casos acumulados. A *intencionalidade* que presidiu à sua construção, mais do que medir e determinar quantitativamente proporções, prevalências ou probabilidades generalizáveis sobre os factores que influem na experiência social das marcas (Lieberman 1992, 106-109), foi a de aceder à identificação e compreensão das estruturas de sentido reivindicadas e atribuídas a corpos extensivamente marcados, assim como das formas como estas foram sendo socialmente produzidas nas biografias dos seus portadores.

Considerando esse objectivo, o número de entrevistas formalmente efectuadas revelou-se suficiente para reconhecer a variabili-

⁹ Ou seja, uma amostra que vale mais pela *profundidade analítica* que possibilita sobre o universo observado do que pela sua *profundidade morfológica*, considerando o nível de descrição e generalização que permitirá (Pais 2001, 110). Glaser e Strauss (1967) chamaram-lhe *theoretical sample*.

¹⁰ Entrevistaram-se indivíduos que durante a sua trajectória se identificam ou já se identificaram no passado com grupos de estilo *motard/byker*, *rock'a'billy*, *heavy metal*, *black metal*, *punk*, *skinhead*, gótico, *hardcore*, *straitbedge*, *skinhead* e *techno*.

dade de perspectivas e significados construídos por parte de quem tem o corpo extensivamente marcado, a qual, para todos os efeitos, não se vislumbrou muito distinta. O efeito de *saturação da informação* (Bertaux 1997; Hiernaux 1997 [1995], 173) foi denotado quando se observou que os entrevistados, com recrutamentos, trajetórias e condições sociais muito diferenciados, e não mantendo qualquer relação entre si, recorrentemente produziam um discurso muito coerente e homogêneo, invocando quadros simbólicos muito semelhantes a propósito dos usos, sentidos e efeitos sociais de um corpo extensivamente marcado. Ou seja, quando a partir dos seus discursos começou a denotar-se a existência de uma *narrativa sociologicamente convergente* no sentido de uma certa estrutura de sentidos e contextos de produção (Abbott 1992, 69), narrativa essa que resultou da «saturação dos casos que repetem a mesma estrutura de um determinado fenómeno, [estrutura essa] que não é do foro psicológico, mas releva do universo social» (Lalanda 1998, 878).

Além disso, o universo de observáveis sujeito à análise centra-se num universo social ultraminoritário que consubstancia um caso estatisticamente raro, atípico e marginal, reflectindo quadros simbólicos e modos de vida de um «núcleo duro» de indivíduos que, depois de terem experimentado, continuam a tatuar e a perfurar o seu corpo em larga extensão. É diferente do caso dos jovens que, em maior número, se limitam a tatuar um pequeno apontamento numa zona relativamente discreta do corpo ou a colocar um ou outro *piercing* num dos lugares já socialmente legitimados e consagrados para a perfuração. As intenções invocadas, as significações investidas, os próprios recrutamentos e efeitos sociais decorrentes do uso dos mesmos recursos por uns e por outros, mas em quantidades diferentes, como se verá, são substancialmente diferentes.

Parte dessa amostra (cinco casos) é constituída por «profissionais» dedicados à prática da tatuagem (um) e do *body piercing* (restantes quatro), com graus de envolvimento e de dependência profissional muito diferenciados. São casos exemplares na medida em que a sua condição profissional resulta sempre de uma condição prévia de consumidor durável desses recursos, sendo este o mote principal das respectivas narrativas. Embora alguns desses profissionais estejam integrados em escalões etários dificilmente conotados com a «condição juvenil», havendo sido inicialmente solicitados sobretudo na condição de informantes privilegiados,

cedo se percebeu a densidade biográfica dos seus trajectos de vida, nomeadamente da sua vivência enquanto jovens. Por outro lado, as suas trajectórias são exemplares do modo como este tipo de corpos se traduz em modos de vida relativamente estabilizados, indo bastante além da mera manifestação corporal de uma certa «irreverência» tradicionalmente atribuída à fase juvenil do ciclo de vida. Daí se terem privilegiado os seus relatos, a par dos relatos dos seus clientes, independentemente da idade que apresentavam.

O conteúdo discursivo das entrevistas foi integralmente gravado, transcrito (por colaboradores) e validado (pelo investigador). Posteriormente à transcrição e validação dos discursos obtidos através das entrevistas, estes foram sujeitos a procedimentos analíticos dos respectivos conteúdos, segundo uma lógica de análise qualitativa (Maroy 1997 [1995], 117), no sentido de *desatar* (Pais 1993, 86, 2001, 125, 2002, 150) as unidades de sentido expressas e encadeadas pelo actor social e de voltar a *atá-las* de uma forma analítica e sociologicamente conceptualizada.

Os extractos das entrevistas que ilustram este livro correspondem a unidades de registo «quentes», aos excertos mais «salientes» e «significativos» na análise. Apesar de a sua forma de *exposição* poder transparecer uma lógica de análise eminentemente *ilustrativa*,¹¹ não foi essa a que imperou na *produção* deste trabalho. Esta derivou e foi sendo desenvolvida, em larga escala, a partir de um trabalho *analítico* de redução, classificação e interpretação dos conteúdos das entrevistas,¹² reveladores das estruturas de sentido que, *a priori*, cumprem o papel de guias na selecção dos elementos enunciativos que se utilizam na sua construção, mediando o *discurso como racionalidade* e o *discurso como oralidade* (García 2000, 89).

Nesta perspectiva, o que poderá transparecer um mero exercício de ilustração tem de facto por base uma lógica de *restituição*,¹³

¹¹ A *postura ilustrativa* consiste no uso selectivo da palavra dos entrevistados com a finalidade de servir uma *lógica de demonstração* impressa pelo investigador na condução da pesquisa empírica (Demazière e Dubar 1997, 16).

¹² Trabalho analítico esse que parte do princípio da tomada de consciência por parte do investigador de que os enunciados propostos em situação de entrevista «não falam por si mesmos» e de que os dados recolhidos não são «realidades» ou «verdades» em si próprios (Demazière e Dubar 1997, 34).

¹³ A *postura restitutiva* consiste em dar um lugar central à palavra do entrevistado na condução analítica da pesquisa, dela fazendo uso exaustivo e extensivo no sentido de dar a ver e restituir ao leitor a imagem discursiva a partir da qual as formulações teóricas foram construídas (Demazière e Dubar 1997, 24).

no sentido de documentar, de visualizar *in vivo*, o conjunto de argumentos analíticos que se vão expondo, para que o leitor possa situar a análise teórica desenvolvida numa realidade concreta. Na impossibilidade de apresentar todos os extractos demonstrativos do argumentário teórico exposto, seleccionaram-se os mais abrangentes, legíveis e inteligíveis (o que acaba por privilegiar os depoimentos de entrevistados com maior reflexividade e capacidade de comunicação¹⁴), considerando quer as semelhanças discursivas provenientes de jovens de condições sociais diferenciadas, quer o inverso, ou seja, distinções discursivas formuladas por jovens de idêntica condição social.

Itinerário de um percurso

Boa parte dos sociólogos interessados em investigar o significado cultural dos hábitos, técnicas ou projectos corporais tende a adoptar sobre estes uma aproximação *a-histórica*. Mas as *culturas somáticas* (Boltansky 1975) características de cada formação social não são, de facto, realidades históricas estanques e unificadas, sendo resultado do acumular sincrético e estratigráfico de porosidades simbólicas que circulam no espaço e no tempo.¹⁵ Pelo que as várias sensibilidades sobre as modificações corporais não permanecem encapsuladas dentro de quadros específicos de períodos históricos particulares. Elas são produto não apenas de dinâmicas sociais sincrónicas, como também de processos sociais mais amplos na sua diacronia.

¹⁴ Como é sabido, «o êxito de entrevistas que visam apreender conteúdos profundamente interiorizados depende da capacidade do locutor para explorar e comunicar os próprios pensamentos» (Ruquoy 1997 [1995], 90). «Alguns informadores e determinadas circunstâncias da recolha são melhores do que outros; os dados ressentem-se e são, pois, de qualidade desigual. Na análise trata-se então de atribuir mais peso aos dados que são melhores» (Maroy 1997 [1995], 151-152).

¹⁵ O conceito de *cultura somática* corresponde a um conjunto de regras, condutas e códigos produtivos, perceptivos e consumistas que têm o corpo como avatar e que resultam de condições sociais objectivas. Nas palavras de Boltansky, a construção do corpo faz-se «em primeiro lugar pelo sistema de relações entre o conjunto de comportamentos corporais dos membros de um mesmo grupo e, em segundo lugar, pelo sistema de relações que unem aqueles comportamentos corporais e as condições objectivas de existência próprias daquele grupo, relações que não podem em si mesmas ser estabelecidas a não ser [...] que se proceda à análise e à descrição somática própria desse grupo» (1975, 208).

Embora as formas e conteúdos tradicionalmente associados à tatuagem e ao *body piercing* estejam, actualmente, sujeitos a um profundo processo de ressemantificação, dando origem a novos usos investidos de novos significados sociais, o facto é que as tradicionais constelações simbólicas que envolvem as marcas corporais permanecem enraizadas na memória colectiva das sociedades ocidentais, insistindo em informar processos de categorização e de estigmatização sobre os seus novos utilizadores. Daí a apresentação dos dados relativos ao caso investigado começar por contextualizar, em termos históricos, os usos que têm sido dados a adereços invasivos e permanentes no corpo, com os respectivos códigos culturais de apropriação (capítulo 1).

A pluralidade estratigráfica de constelações de sentidos atribuídos às marcas corporais é, com efeito, uma evidência desta pesquisa. Pluralidade essa que se evidencia não apenas na história social do fenómeno, mas também nas respectivas histórias pessoais. É importante que não se tratem as marcas corporais, actualmente, como redutos de sistemas de significação unos e estagnados, convencionados e cristalizados no tempo, mas como formas iconográficas cujos investimentos simbólicos se transformam no decorrer do próprio processo de inscrição corporal dos adereços ao longo do ciclo de vida. Nesta perspectiva, tentou-se conhecer as trajectórias, os contornos e os limites que circunscrevem a construção de *projectos* (extensivos) de marcação corporal entre os jovens portugueses, dando conta dos respectivos contextos sociais de descoberta, de experimentação e de formulação (capítulo 2).

Só depois se tomará em mãos o duro empreendimento de análise e interpretação da densidade simbólica subjectivamente encarnada nas marcas, desde o seu grau zero de significação, enquanto investimento estético (capítulo 3), passando pela sua mais-valia simbólica, enquanto suporte de referência fundamental na construção e expressão social de uma determinada forma de identidade pessoal (capítulo 4), até chegar à sua configuração de sentido socialmente mais comprometida, enquanto expressão corporal de um estilo de vida que tem na base uma ética de dissidência relativamente às formas estilísticas mais massificadas e, portanto, mais normativas e institucionais (capítulo 5).

Considerando que o corpo marcado é um corpo dotado de uma densidade semiótica acrescida — não só enquanto suporte expressivamente investido de significados por parte de quem nele

inscreve signos, mas também suporte que se dá a ler, passível de ser interpretado, classificado e categorizado por parte de quem com ele se confronta —, prestou-se ainda atenção à problemática dos efeitos sociais decorrentes de se ser portador de um corpo extensivamente marcado. Interessa conhecer as significações que se escondem por detrás dos símbolos, mas também procurar as *forças* que eles encerram e através de que mecanismos são susceptíveis de desencadear determinados efeitos. Trata-se de ficar não apenas pela interrogação acerca da carga semântica das forças, mas também sobre o poder enérgico dos signos.

Nesta perspectiva, e dada a pluralidade de universos simbólicos associados ao corpo marcado, informando as gramáticas de produção e as gramáticas de recepção potencialmente descoincidentes, importa salientar o papel que as marcas asseguram como recursos de classificação e categorização social dos indivíduos e respectivas consequências a nível da interacção social. Identificar as gramáticas de recepção e compreender a respectiva filogénese, bem como os impactos que produzem sobre as sociabilidades do sujeito marcado, tornou-se, assim, objectivo da pesquisa (capítulo 6). Enquanto tradicional signo expressivo de processos simultâneos de exclusão e inclusão social, em que medida projectos de marcação corporal potenciam a criação de biosociabilidades, ou seja, de cumplicidades sociais com epicentro no corpo? Por outro lado, de que forma é que perturbam as relações sociais do indivíduo ao nível dos quadros de interacção nuclear em que quotidianamente se vê envolvido? Que estratégias de gestão, dissimulação e/ou enfrentamento social induzem?

Em suma, este livro propõe uma apreciação compreensiva e interpretativa sobre a construção das imagens do corpo marcado, a (re)encarnação destas figuras arquetípicas no mundo contemporâneo em corpos particulares e ainda o funcionamento destes corpos no espaço social, em interacção com outros actores incorporados. Para tal parte-se de uma noção *encarnada* do actor social, uma análise que privilegia a vivência e experiência do corpo do ponto de vista dos sujeitos que o portam, enquanto matéria viva e vivida no espaço social. Porque o indivíduo, ao modificar a sua corporeidade, está inevitavelmente a criar novos elos simbólicos entre si e os outros, numa luta *corpo a corpo* entre o individual e o social.